

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB

INSTITUTO DE LETRAS – IL

DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA E LITERATURAS



HISTÓRIAS QUE NOS ATRAVESSAM – DO VAZIO AO ÚTERO

Suzy Michelle Feitosa Rocha

Brasília, 2024

SUZY MICHELLE FEITOSA ROCHA

HISTÓRIAS QUE NOS ATRAVESSAM – DO VAZIO AO ÚTERO

Monografia apresentada à Universidade de Brasília (UnB) como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Letras.
Professora Orientadora: Dra. Patrícia Trindade Nakagome

Brasília, 2024

Dedico este trabalho à minha família e aos meus amigos pelo apoio e pelo incentivo, e a todos os professores que me guiaram e inspiraram durante a graduação.

AGRADECIMENTOS

A realização desta monografia marca o fim de uma etapa muito importante em minha jornada acadêmica. Gostaria de agradecer a todos que contribuíram direta ou indiretamente para sua concretização;

Em primeiro lugar, agradeço a Deus por ter guiado meus caminhos e ter me dado forças para continuar em meus momentos de dúvida e fraqueza. Sem Ele eu jamais teria chegado até aqui;

À minha família: meus pais Raimundo e Maria José; meu irmão Raul, meu eterno agradecimento. Por diversas vezes o apoio de você me fez continuar seguindo. Às minhas primas Camila e Érica, que foram as primeiras a me apresentar a magia dentro dos livros;

Aos meus amigos que me ajudaram e acompanharam em diversas etapas desta jornada, em especial: Fernanda, por ter me dito que meu lugar era na UnB e ter vibrado com cada conquista minha, Aline, por ter visto beleza em meus escritos e ter acreditado no meu potencial antes mesmo até de mim e Lívia, por ter me feito dizer em voz alta como as minhas conquistas importam;

Finalmente, gostaria de agradecer à minha orientadora Professora Doutora Patrícia Trindade Nakagome, por ter visto valor da minha escrita, pelo encorajamento e orientações durante esse processo. Sua orientação foi fundamental para que este trabalho fosse concluído.

"Eu nem sabia direito o que estava dizendo, mas sabia desde sempre que havia uma história para contar. Uma reparação a ser feita. E era isso o que eu faria, escreveria minha história. Com uma pá desenterraria os mortos, com a mesma pá encheria de ossos e terra e trapos e merda os vazios entre quem eu era e quem eu me tornara."

(Micheliny Verunschik)

RESUMO

A Literatura brasileira tem cada vez mais aberto espaços de representação de um feminino que se constitui socialmente por meio de seus laços com outras mulheres. Dessa forma, a presente monografia objetiva, a partir de uma revisão bibliográfica de pressupostos teórico-críticos, analisar como tais relações impactam na construção dessas personagens e como elas refletem as mudanças presentes na sociedade contemporânea. Para tal fim, foram selecionados como objeto de pesquisa os volumes *Aqui, no coração do inferno*, *O peso do coração de um homem e Amor, esse obstáculo*, os quais integram a *Trilogia Infernal*, de Micheline Verunschik, bem como a obra *Torto Arado*, de Itamar Vieira Júnior. Demonstramos como as personagens presentes nas obras supracitadas se constituem a partir de suas relações pessoais e vazios presentes em suas histórias.

Palavras-chave: Personagens femininas; Vazio e literatura; Literatura brasileira contemporânea; Trilogia infernal; Torto arado.

ABSTRACT

Brazilian literature has increasingly opened spaces for the representation of a feminine that is socially constituted through its ties with other women. Thus, this monograph aimed, based on a bibliographic review of theoretical-critical assumptions, to analyze how such relationships impact the construction of these characters and how they reflect the changes present in contemporary society. To this end, the volumes *Aqui, no coração do inferno*, *O peso do coração de um homem* and *Amor, esse obstáculo*, which are part of the Trilogia Infernal, by Micheliny Verunschik, as well as the book *Torto Arado*, by Itamar Vieira Júnior, were selected as the object of research. The aim was to demonstrate how the characters present in the aforementioned works are constituted based on their personal relationships and the emptiness present in their stories.

Keywords: Female characters; Emptiness and literature; Contemporary Brazilian literature; Trilogia Infernal; Torto Arado.

SUMÁRIO

1. Introdução
2. As personagens - Mulheres contemporâneas e suas raízes
3. O vazio - Potência constituidora
4. O útero – A vida que surge dos vários atravessamentos
5. Considerações finais

Referências

1 Introdução

O processo de finalizar uma graduação é mágico e aterrorizante, nele me encontro presa entre o passado e o futuro. Ao sentar-me para escrever meu trabalho de conclusão de curso, volto ao princípio, volto às primeiras aulas que tive na Universidade de Brasília. Ingressar nessa instituição sempre foi para mim um sonho, por vezes visto como uma impossibilidade. No entanto, aqui estou eu, aqui estava eu. E lá, de volta a 2018, foi quando tive a certeza de que iniciava uma jornada transformadora. A Suzy menina, que encontrava abrigo nos livros e companhia em suas personagens, estava prestes a descobrir que o mundo era muito maior do que o imaginado. E foi em uma aula de literatura, precisamente Introdução à Teoria da Literatura, que eu tive a certeza de que esse era o meu lugar, que ler e analisar livros diversos era o que queria fazer. Aquele sonho de criança - “Eu queria ser paga para ler” - afinal, parecia possível. Então, quando minha orientadora me perguntou o que eu queria dizer, percebi que queria falar sobre as diversas mulheres da literatura que me atravessaram. Pois enquanto eu as lia, eu também me construía como leitora, acadêmica e mulher. E quem seriam essas mulheres, o que elas teriam de tão especial?

Elas são legião e talvez nem todas tenham tido o devido reconhecimento de minha parte. A primeira foi Alice. Naquela época, devia ser por volta dos anos 2000, sentada no quarto de minhas primas, eu me dividia entre as palavras e as gravuras de uma edição de *Alice no país das maravilhas*. Ainda que eu não tenha uma memória clara sobre a história em si, existe uma afetividade muito grande em relação à personagem que se desprende da realidade e cai em um mundo irreal, vibrante, colorido e cheio de perigos. Sem me ater às minúcias da crítica literária e por não ter tal expertise à época, sei que Alice deixou algo cravado em mim, como um segredo a ser desvendado no futuro. Foi ali que surgiu minha paixão, obsessão quase, por personagens. Não há nada que me desagrade na literatura, mas creio que a construção de personagens é uma arte que requer um entendimento profundo da psique humana e das relações sociais, algo extremamente difícil de ser capturado em sua essência. E, justamente por isso, escolho concluir minha graduação falando sobre personagens da literatura contemporânea brasileira que, em seus vazios e silêncios - pelas mãos de dois autores talentosíssimos - compartilharam suas histórias e se constituíram em uma verossimilhança precisa ao serem atravessadas pela existência de outras mulheres.

Entendendo a impossibilidade de falar sobre e analisar todas, quero focar em algumas personagens que me acompanharam nos últimos anos de graduação. Pois há nessas mulheres um vazio que se torna a própria matéria da qual elas se constituem e que se expressa de forma visceral quando não se tem nada além de uma história para contar. Assim, o presente estudo buscará, por meio de minha análise, entender as tramas psicológicas e sociais que constituem Laura e Soledade na *Trilogia Infernal*, obra escrita por Micheline Verunschik; bem como Bibiana e Belonisia de *Torto Arado*, livro escrito por Itamar Vieira Junior.

2 As personagens – Mulheres contemporâneas e suas raízes

As obras-primas não são frutos isolados e solitários; são o resultado de muitos anos de pensar em conjunto, de um pensar através do corpo das pessoas, de modo que a experiência da massa está por trás da voz isolada. (WOOLF, 1928, p. 64)

Historicamente, salvo algumas exceções, as mulheres foram representadas na literatura mundial por autores do gênero masculino. Tudo que dizia respeito a sua estruturação partia de uma ótica alheia a questões intrínsecas ao gênero feminino. Ainda que possamos citar exemplos memoráveis como Anna Karenina, de Liev Tolstói, ou Madame Bovary, de Gustave Flaubert, parte das personagens fruto de autorias masculinas, inevitavelmente, perdiam uma qualidade essencial ao seu cerne: a possibilidade de existir para além de um ideal maniqueísta que ora as tratava como mocinhas ora como vilãs. A arte é, afinal, um reflexo de seu tempo e da sociedade a qual representa. Dessa forma, se fizermos um recorte temporal entre o início e o final do século XIX, é possível verificar a evolução que personagens femininas tiveram em obras literárias. Enquanto, a título de exemplo, no Romantismo víamos mulheres envoltas em uma aura angelical e imaculada; no Realismo era possível notar certa transformação dessas em figuras mais complexas, frutos do meio social e de uma trama psicológica mais bem estabelecida. Já a literatura contemporânea, de acordo com Alfredo Bosi, é dotada de uma qualidade elástica, o que gera a necessidade de uma análise íntima do recorte temporal em que suas obras se situam para, assim, ser possível destacar suas características e de suas personagens. A literatura produzida no século XXI, ao se afastar de paradigmas existentes em movimentos literários anteriores a essa, mesmo carregando determinadas propriedades de seus antecessores, constitui-se em uma miscelânea de particularidades e formatos diversos. Ainda assim, é seguro dizer que, em sua origem, particularmente dentro de um recorte brasileiro, há a face da violência - construída sistematicamente ora de modo concreto ora de modo simbólico desde o período colonial - proveniente de uma sociedade que busca constantemente se desvencilhar de sua história, mas se vê incapaz de fugir de seu passado. E o que essas características produziram nas personagens de tais obras?

Em *Aqui, no coração do inferno*, obra que inaugura a *Trilogia Infernal* de Micheline Verunschik, é possível notar a diversidade não só nos estereótipos já conhecidos

de personagens - representando desde a mulher que cumpre um papel social que a designa como matriarca recatada que vive em função da família, até a adolescente que constantemente questiona as estruturas sociais sob as quais vive e assume uma postura insubmissa quanto às situações que lhe parecem injustas - mas também das relações sociais que cercam tais figuras. Pois, ao contrário do que se deu por natural na construção de personagens femininas, aqui há uma quebra de paradigma desde a escolha pelo tipo de narrador, até a psique que forma tais mulheres. Nem mesmo a mais plana delas se encerra em apenas uma faceta. Em suma, como criadora dessa realidade, a autora se vale de arquétipos já bastante conhecidos da sociedade brasileira para extrapolar tais construtos e imaginar novas possibilidades para as leitoras que poderiam vir a se identificar com suas personagens.

Seria possível analisar minuciosamente todas aquelas que aqui nos são apresentadas, no entanto, há nessa obra duas que se provam uma representação bem-vinda de um feminino que não mais se orienta a partir de um patriarcado que se impõe sobre seu existir não somente na esfera pública, como também na privada. A começar pela narradora Laura, construída como narradora autodiegética. Na obra, Verunschik escolhe dar voz não apenas a uma mulher, mas a uma adolescente que vai ao longo da história se construindo enquanto preenche vazios deixados pela ausência de uma mãe e pela presença de um pai que exerce um papel ambíguo em sua narrativa de formação; ora visto como antagonista, ora encarado por sua filha como uma figura digna de admiração. Ao buscar preencher esses vazios com a história de sua vida e, assim, elaborar o tipo de pessoa que ela virá a ser, Laura não se atém ao papel imposto pela sociedade, há em sua essência uma curiosidade, e certa irreverência pueril, que a impulsiona a extrapolar limites delineados por outros. Ela é alguém que busca se manter fiel aos próprios desejos e curiosidades, atitude que se alinha de modo simétrico com a mudança de comportamento que percebemos na sociedade contemporânea e nos papéis de gênero exercidos mulheres e homens. Em determinada passagem do livro, é possível acompanhar a reflexão de uma das personagens que observa o quanto tais características ainda não são sequer esperadas de uma mulher, como, em certa medida, o antecipado é que nos contentemos com a realidade que nos é imposta.

Os homens e a terra têm o vício comum de se prenderem um ao outro e, ao se vinculando, fazem outras presas pela perversão do mau hábito. A terra, é verdade, foi viciada e seviciada pelos homens e, na imperfeição do defeito que

lhe foi imposto, passou a mastigar-nos todos com grandessíssimos dentes. A terra é isso, afinal, essa devoração insaciável a nos comer e digerir. Mulheres que se contentem, pois, em servir, é o que pensam a terra pervertida e os homens. Mulheres que se contentem em arar, despejar sementes, espantar os vermes, empunhar a foice e gadanha, fazer a colheita, enterrar seus mortos. Mulheres que se contentem, pois. (VERUNSCHK, 2016, p. 106)

Paralelamente a isso, em sua busca por de fato descobrir quem foi sua mãe, figura que lhe foi roubada muito cedo, e em meio a seu amadurecimento, Laura se depara com questões sociais há muito normalizadas. Parâmetros, no entanto, que não condizem com sua visão sobre a realidade. Diante do menino canibal, Cristóvão, personagem mantido preso por seu pai em sua casa, a menina não se amedronta ou intimida pela narrativa criada em torno dele. Característica facilmente atribuída a um caráter investigativo que aos poucos vai se revelando na personagem e, por via de regra, pouco observada em protagonistas do gênero feminino. Na contramão do que poderia se esperar, tal narrativa gera uma curiosidade que a leva a questionar sua própria natureza:

E eu achava que quando visse um assassino de perto ia ver também um bicho selvagem pronto pra saltar de dentro dos seus olhos. O que eu não esperava é que ele fosse alguém parecido comigo, alguém que, por mais que me esforçasse, não me dava calafrios. Alguém de quem eu pudesse me sentir tão próxima. (VERUNSCHK, 2016, p.28)

A postura da personagem diante da eterna ambiguidade que perpassa o comportamento humano, limitando suas ações por vezes apenas em atos bons ou ruins, seria motivo de espanto para uma sociedade que elabora mulheres como seres incapazes de atos cruéis ou violentos. Contrariamente a essa lógica, aqui Laura não se intimida com a questão imposta a seu próprio caráter ao questionar sua capacidade em cometer atos similares aos quais Cristóvão é acusado. A narradora-personagem dessa história se permite ser atravessada pela realidade que a cerca e responde a tal situação de modo corajoso e honesto. Conduta que se mantém coerente ao longo de toda a narrativa.

Além de Laura, em *O peso do coração de um homem*, segundo livro da trilogia criada por Verunschck, deparamo-nos com outra figura que ressignifica o “ser mulher” na ficção. Ao longo da trilogia, sua presença é algo quase fantasmagórico. Não apenas pelas raras menções a ela, pois sua história está mais relacionada a um núcleo secundário, mas também por sua caracterização e pelo tipo de atmosfera que sua aparição parece emanar. Além disso, como é possível notar ao observar a construção de tantas outras personagens

dessa obra, a autora nos convida a entender e construir a imagem de quem é a Abutra ao longo dos livros. Como em uma tentativa de montar um quebra-cabeça, vamos juntando pequenas peças compartilhadas pelo olhar de outras figuras que compõem seu núcleo narrativo. Em *A personagem do Romance*, Antonio Candido define tal processo da seguinte forma:

Essas considerações visam a mostrar que o romance, ao abordar as personagens de modo fragmentário, nada mais faz do que retomar, no plano da técnica de caracterização, a maneira fragmentária, insatisfatória, incompleta, com que elaboramos o conhecimento dos nossos semelhantes. Todavia, há uma diferença básica entre uma posição e outra: na vida, a visão fragmentária é imanente à nossa própria experiência; é uma condição que não estabelecemos, mas a que nos submetemos. No romance, ela é criada, é estabelecida e racionalmente dirigida pelo escritor, que delimita e encerra, numa estrutura elaborada, a aventura sem fim que é, na vida, o conhecimento do outro. (CANDIDO, 1970, p. 55)

Ao nos apossarmos dessa visão fragmentária das personagens definida por Antonio Candido, a qual nos auxilia a montar em parte a figura da Abutra – a quem mais tarde descobrimos chamar-se Soledade – fica clara a escolha da autora, carregada de muita simbologia, em destituir essa personagem de uma voz própria para partilhar a própria história. Esse fato pode ser encarado como elemento central na construção não apenas da história de Soledade, mas também de sua psique. Seu vazio é o silêncio, e esse é preenchido por aqueles que cruzaram seu caminho e se encarregam de guardar e compartilhar sua vida. Tendo em vista todas as intempéries vividas pela personagem, não seria incomum pensar que esse silêncio foi algo que ela escolheu adotar voluntariamente diante do mundo que cruelmente pariu a Abutra. Antagonista na narrativa de Cristóvão, é assim que ela é descrita ao leitor:

Muitas vezes eu acordei suado, com a voz da Abutra sussurrando aquele nome que fora a morte de mãe, Corália. [...] O rosto delas porém eu ia esquecendo. O rosto da Abutra. O rosto de mãe. Eu me lembrava da cena, me lembrava das vozes, do cabelo branco da Abutra, a cara vermelha de pai, mas eu entrava num apagamento de todas as feições. (VERUNSCHK, 2017, p. 54)

Soledade tem um passado marcado pela dor e pela tragédia. Tais elementos, em qualquer outra narrativa, seriam mote para caracterizá-la como vítima, no entanto, aqui, tal passado serve para impulsionar seu desejo por vingança: “Soledade só teve uma

motivação. Vingança. E a vingança é o mais velho motor a dar corda aos crimes de morte” (VERUNSCHK, 2017, p. 86). Essa é mais uma personagem que não se encerra em ideias binárias de vítima e algoz. Os traumas de Soledade, o rapto do filho e a violência infligida em sua história, são elementos narrativos primordiais ao representar a reencarnação da figura das Erínias, criaturas mitológicas gregas que exerciam punição aos culpados – em especial ligados ao foro familiar – na figura de uma mulher contemporânea que decide não se resignar diante de um destino no mínimo trágico e decide traçar seu próprio caminho.

Foi por isso que Soledade se tornou puta e se juntou a um outro pistoleiro, se tornando nos anos seguintes ela mesma uma matadora com um bando estabelecido sob sua ordem. O que faz uma mulher ir em direção ao assassinato? Pois eu digo que tudo debaixo dos olhos de Deus e dos homens pode servir de motivo para matar [...] A subversão. Matar é um ato corriqueiro, embora escandaloso. [...] Uma mulher quando mata não é tida mais como ente desse mundo. Se torna algo fora do normal, uma corrupção da natureza. (VERUNSCHK, 2018, p. 85)

Assim, as personagens criadas por Verunschck se juntam a tantas outras vozes femininas que por décadas ecoaram no vazio do silêncio, mas hoje encontram uma forma de romper esse pacto estabelecido por uma sociedade que não as queria ouvir. Elas encontram solo fértil na comunidade de mulheres que se veem refletidas em tais histórias e estão cada vez mais sedentas por narrativas que venham para repensar a realidade na qual vivemos.

Não obstante, o fato de esta monografia ter como intuito central a busca por enaltecer e fazer ressoar - mesmo que de forma modesta - as vozes da Literatura de autoria feminina na contemporaneidade brasileira, há ainda que se pensar que a busca por tal ampliação - a qual renova enredos e apresenta personagens cada vez mais multifacetadas - não pode nos furtar a apreciação de obras de autorias masculinas que se propõem a repensar o universo feminino dentro da literatura. Em *Torto Arado*, obra de Itamar Vieira Junior, há diversas representações de mulheres que, por diversas vezes, foram relegadas a papéis secundários na Literatura, mas que pelas mãos do autor ganham o protagonismo das próprias histórias. Na obra, o enredo é dividido em três partes: *Fio de corte*, *Torto Arado* e *Rio de sangue* e, assim como em *Trilogia Infernal*, o autor escolhe duas narradoras autodiegéticas e uma homodiegética. A narração tem as vozes das irmãs Bibiana e Belonísia, além de Santa Rita Pescadeira, Encantada – termo utilizado para

denominar as entidades que se manifestam durante as brincadeiras de Jarê - que assume a última parte da narrativa. Paralelamente ao que vemos na obra de Verunschik, *Torto Arado* possui personagens femininas que tecem a crônica de suas vidas entre os vazios que atravessam suas histórias – aqui diversas vezes representado por uma anatomia que impõe o silêncio às irmãs Bibiana e Belonísia - “Somente uma filha teria a fala e a deglutição prejudicadas. Mas o silêncio passaria a ser nosso mais proeminente estado a partir desse evento.” (VIEIRA JÚNIOR, 2019, p. 19); e por meio dos laços oriundos de uma ancestralidade feminina, que se materializa por intermédio das mulheres que as cercam, sendo esse último vital para a elaboração de suas existências. Em um primeiro momento, tal laço é estabelecido na figura de Donana, tal qual uma pedra que fundamenta a existência de sua família a partir de seu papel de matriarca, estabelecendo um exemplo de força a ser seguido pelas meninas. A figura da avó, precursora de suas histórias, é uma dentre tantas outras que carregam em seu íntimo um conhecimento ancestral.

Nos acostumamos a ouvir Donana falar pela casa, falar na porta da rua, no caminho para a roça, falar no quintal, como se conversasse com as galinhas ou com as árvores secas. Eu e Belonísia nos olhávamos, ríamos sem alarde, e nos aproximávamos sem que percebesse, fingíamos brincar com algo por perto só para escutar e, depois, com as bonecas, com os bichos e as plantas, repetirmos o que Donana havia dito como coisa séria. (VIEIRA JÚNIOR, 2019, p. 14)

A narrativa se inicia quando Bibiana e Belonísia são ainda duas crianças em meio a brincadeiras que buscam espelhar aquilo que admiram nas mulheres de sua família e comunidade, na realidade que as cercam, na curiosidade própria da infância que, no entanto, traz consequências irreversíveis para o futuro que se forma diante de seus olhos. “E a sentença que permaneceu mais exata em minha memória e resistiu aos golpes que minha vida sofreria nos anos vindouros foi que ‘de seu movimento virá sua força e sua derrota’” (VIEIRA JÚNIOR, 2019, p. 81). No decorrer de uma dessas brincadeiras - “Levantei a faca, que não era grande nem pequena diante dos nossos olhos [...]” (VIEIRA JÚNIOR, 2019, p. 15) - e pelo encantamento que toma as duas ao se depararem com um objeto de aspecto tão precioso, um golpe fere a carne de uma das irmãs. É desse modo que Belonísia tem sua língua mutilada e o vazio do silêncio se instala em suas vidas.

Em meio a uma narrativa como a de *Torto Arado* - obra que prende sua atenção do começo ao fim por possuir não só uma história construída de forma tão potente e comovente, como também por suas personagens formidavelmente múltiplas e complexas

- Belonísia e Bibiana são representações vividas de mulheres que vemos ao nosso redor; mulheres sábias, fortes, determinadas e que foram apagadas do imaginário literário por tanto tempo. Elas representam o silêncio daquilo que não foi contado, mas que nos atravessa por meio de nossas vivências culturais e históricas.

Quando sento quieta para costurar uma roupa velha ou levanto a enxada para devolvê-la de novo ao chão, abrindo covas, arrancando as raízes das plantas, é que esse fio, que tem sido meu pensamento, vai se fazendo trama. Nessas horas eu, que tomei raiva de homem, que nunca mais quis deitar ou casar com homem, talvez deitasse de novo só para ter filhos, para ter com quem sentar para desfiar essas histórias que não me abandonam. Talvez lhes desse uma pilha de cadernos velhos, manchados de umidade da chuva, ou roídos de traças, para que lessem e pudessem entender do que somos feitos. (VIEIRA JÚNIOR, 2019, p.170)

As mulheres de *Torto Arado* têm suas raízes em um terreno embebido nas consequências da escravidão e de uma violência que assume diferentes faces. Com efeito, foram numerosos os eventos que poderiam ter contribuído para que a realidade ao redor delas fosse dura e estéril. Não obstante, os caminhos, orientados por Santa Rita Pescadeira, fluíram de geração em geração, permitindo que essas personagens transformassem essas feridas em potência de vida. A linhagem de Donana há de permanecer sobre a terra, pois elas sabem a força que provém de seus movimentos.

Ausência. Silêncio. Nada. Solidão. Ao se indagar acerca do significado de “vazio”, provavelmente essas palavras estarão entre as nomeadas. Há muito se concebeu o vazio como algo escuro e frio, despido de qualquer sentido ou qualidade. Tal conceito, o vazio, está presente na história da humanidade, e por consequência na literatura, desde os primórdios. Na *Bíblia*, em Gênesis, lê-se “No princípio, Deus criou o céu e a terra. A terra estava sem forma e vazia; as trevas cobriam o abismo e o Espírito de Deus pairava sobre as águas.”. Aqui é interessante notar como existe um paradoxo presente na ideia do que seria o “começo”, pois ainda que a terra estivesse sem forma e vazia, o que tornaria plausível pressupor a ausência absoluta de vida, havia uma entidade capaz de criar a existência. Dessa forma, ao se discutir a dualidade vazio-existência, não seria prudente nos questionarmos de qual começo estamos falando? Pois, evidentemente, ainda que não se tenha isso em vista, o existir de todas as criaturas surge antes que tal ato se torne sabido de forma racional por quem quer que seja. Tal pressuposto pode ser corroborado pelo mito da criação, mas dessa vez pela perspectiva da mitologia Grega. De forma semelhante ao lido anteriormente, na mitologia Grega, em específico no livro *Mitologia: histórias de deuses e heróis*, de Thomas Bulfinch, há algo sobre a criação que diz: “Antes de serem criados o mar, a terra e o céu, todas as coisas apresentavam um aspecto a que se dava o nome de Caos – uma informe e confusa massa, mero peso morto, no qual, contudo, jaziam latentes as sementes das coisas.”. Aqui o Caos, ainda que disforme e confuso, carrega em si a semente da vida. Sob essa ótica, o nada pode ser interpretado como uma potência, e não como algo meramente amorfo e repleto de escuridão.

Em ambos os casos há a ideia de que a potencialidade de algo surge antes do próprio nascimento de um ser, uma ancestralidade não solicitada, mas herdada e que inadvertidamente traça caminhos em antecedência. Assim, de acordo com Giorgi, em seu artigo *Depois o começo: a literatura e o vazio*, a história de cada um se dá com a ausência de si, precisamente por não haver a possibilidade da lembrança do próprio nascimento. E é justamente nesse espaço poroso, nessa lacuna entre o nada e o existir, que há a possibilidade do florescer de histórias, dentro daquilo que entendemos como tempo cronológico, em que antes não havia nada. Por consequência, o conceito de tempo tem um papel fundamental ao pensarmos o cosmo onde tais narrativas se dão. Na narrativa criada por Verunschik, o tempo, em diversos momentos, é elaborado como algo que se

sobrepõe a si mesmo. O ontem, o hoje e o amanhã se entrelaçam para construir o tecido da própria existência das personagens e de suas narrativas.

Eu acho que o passado continua existindo, mas a gente não percebe, porque a gente tá muito envolvido em tentar entender o quebra-cabeça, que é apenas uma distração. [...] Era o presente, o passado e o futuro acontecendo ao mesmo tempo, e eu não tinha nada a fazer senão viver isso, simultaneamente, que, aliás, acho uma palavra muito bonita. (VERUNSCHK, 2016, p. 90)

Desse modo, as personagens, em especial a narradora, percebem-se constantemente confrontadas pela possibilidade de uma vida semeada em meio a intervalos de consciência que se dão nesses espaços de tempo, nesses vazios. Entre a busca pela construção do “eu”, elaborada por meio de narrativas passadas, histórias erigidas a partir de um quebra-cabeça, e a urgência de uma realidade que se metamorfoseia pela interposição de tempos - presente, passado e futuro. Na ausência, intervalo de consciência, inventa-se uma vida, planta-se a semente de histórias que serão perpetuadas por gerações futuras.

De forma similar, o silêncio, por vezes transmutado em uma espécie de vazio, torna-se elemento indispensável na germinação de um modo delicado de se contar histórias. As personagens se valem de outros elementos para além das palavras ao buscarem a expressão de si. Laura, em *Trilogia Infernal*, utiliza-se da escrita para imaginar, e por fim, criar seu “eu” e sua própria narrativa; empregando a palavra escrita como criadora de mundos. Em outros casos, tal elaboração parte de outras personagens que estão intimamente ligadas às suas narrativas. Como é o caso das irmãs Bibiana e Belonísia em *Torto Arado* que, diante do vazio silencioso imposto pela ausência da capacidade de oralidade de uma delas, descobrem uma nova forma de comunicação; profundamente ligada aos laços de sangue compartilhado pelas irmãs e pela sensibilidade gerada por meio do trauma e do amor. Juntas elas enfrentaram o trauma e as consequências que dele emergiram, juntas elas descobriram os caminhos possíveis para navegar a vida a partir do silêncio.

Nossas feridas foram suturadas, e permanecemos juntas por mais dois dias. Saímos com um carregamento de antibióticos e analgésicos nas mãos. Teríamos que voltar dali a duas semanas para retirar os pontos. Teríamos que comer mingaus e purês, alimentos pastosos. Minha mãe deixaria o trabalho na roça nas semanas que se seguiriam para se dedicar integralmente aos nossos

cuidados. Somente uma das filhas teria a fala e deglutição prejudicada. Mas o silêncio passaria a ser nosso mais proeminente estado a partir desse evento. (VIEIRA JÚNIOR, 2019, p. 19)

Dentro da cultura patriarcal, refletiva em tantas narrativas literárias, o corpo feminino, e por consequência o reconhecimento de sua existência e de sua voz, tão heterogêneas e complexas, foram não só represados mas encarados como uma posição vazia. Por muitos anos, o silêncio, em especial ao pensarmos personagens negras, foi dado como elemento constituinte das características de tais personagens. Desse modo, há insurgência no movimento literário contemporâneo brasileiro que busca preencher esse espaço, por vezes demasiadamente solitário, com algo original e repleto de uma afetividade ancestral que se materializa na cumplicidade construída em comunidade por essas mulheres. O vazio não precisa, afinal, ser todo sombra e ausência. As sementes da existência que jazem nele têm o potencial de germinar em algo novo e belo.

Em um espaço escuro, silencioso e oco, jaz a semente do existir, todo o potencial daquilo que virá a ser. Nossas vozes não ecoam sozinhas. Há em cada palavra, em cada decisão, um reflexo de uma ancestralidade anunciada. Todas que vieram antes de nós contribuíram para a construção de quem somos e das histórias que contamos. Na literatura pensada e escrita por e para mulheres, o útero se constitui como algo externo aos corpos das personagens, ele é o laço que se forma pelos diversos atravessamentos de histórias construídas em conjunto; elaboradas por mulheres que, ao dividirem seu existir com aquelas que cruzam o seu caminho, dão vida a novas possibilidades narrativas. Histórias nas quais essas figuras são indiscutivelmente protagonistas de suas próprias vidas.

Eu acabara de montar o quebra-cabeça da minha vida, um jogo no qual rostos, histórias e violências se cruzavam e compunham meu corpo, meu corpo de sempre, do passado, do presente – e até o corpo do futuro, aquele que eu ainda não tinha e nem tenho, mas que vem desde muito tempo sendo preparado em todos esses fragmentos. (VERUNSCHK, 2017, p. 92)

As diversas peças que compõem a psique de uma pessoa são como momentos carregados de simbologia. Alguns nos chegam cedo na vida e em meio a reflexões solitárias, outros por intermédio de um terceiro e há ainda aqueles que silenciosamente carregamos em nosso âmago, semeados no vazio. Qualquer que seja o caso, tais momentos funcionam como alicerces de nossas narrativas. Em *Trilogia Infernal*, as personagens criadas por Micheliny Verunschck são um arranjo bem elaborado de tais fatores. Ainda que cada um desses seja extremamente relevante para tal construção, a meu ver, o papel exercido por aquilo que está no não dito é de uma preciosidade incontestável. Como na cena descrita a seguir, a partir da qual é possível refletir acerca da importância que determinadas pessoas possuem na construção de uma história.

Esse desenho é um oito invertido e é um símbolo para o infinito. Como papai não gosta muito que a gente fale na nossa mãe, a mãe de verdade, sempre que quero marcar a presença dela, desenho isso. [...] No quintal, na porta que dá pro charco, talhei esse infinito que é minha mãe, pequeno, mas visível. (VERUNSCHK, 2016, p. 68)

Personagens são construtos irrealis, não obstante sua verossimilhança, pautados em diversos elementos imaginários, mas que também representam as possibilidades das relações que de fato vivemos. “Sempre que quero marcar a presença dela, desenho isso.” (VERUNSCHK, 2016, p. 68). Na fala de Laura, fica claro que não há como apagar a existência de uma mãe, embora seja possível silenciá-la. Se de nenhuma outra forma, ela está para sempre marcada em nossos traços. Embora essa seja uma verdade intrínseca à natureza humana, o gesto da protagonista representa a relevância que esses laços, esses atravessamentos, exercem em nossas histórias, na elaboração de quem somos. As histórias que surgem de um vazio, geram uma lembrança eternizada de outra maneira. Diante do silêncio do pai, que se nega a dividir verdadeiramente quem sua mãe foi, e ao marcar o símbolo do infinito - ainda que em espaços mínimos e nos mais diversos locais que a cercam - Laura reafirma sua conexão com essa mãe que é figura singular em sua narrativa. O vazio de uma vida ceifada de forma precoce não apaga os laços estabelecidos no íntimo de um útero. O antes, o agora e o depois estarão eternamente conectados.

[...] Foi o que meu pai contou, apesar de ele não falar muito sobre esse assunto. Com o tempo, aprendi a não perguntar nada. Não lembro dela, minha irmã é quem lembra. Digo, não lembro do rosto, nem dos cabelos, mas lembro de ter tido mãe, uma presença querida ou algo assim, como um colo. (VERUNSCHK, 2016, p. 61)

Do vazio ao útero, nesses espaços porosos do tempo-espaço, criamos um cordão umbilical invisível aos olhos que nos conecta com aqueles que nos cercam. Tal conexão perpassa o solo do passado, cruzando o presente e criando um futuro. Carregamos as experiências que vivemos em coletividade como a semente do que iremos nos tornar, silenciosamente germinando. A contemporaneidade, em todo seu prisma multifacetado, nos permite vivenciar, por meio da literatura que dá voz a mulheres, a potencialidade que surge desses atravessamentos.

Minha avó, Donana, havia dado à luz ao filho José Alcino em meio a uma plantação de cana na Fazenda Caxangá. Ele nasceu no meio de um charco, porque não haviam permitido que sua mãe deixasse de trabalhar naquele dia. Meu pai veio ao mundo cercado das mulheres que, assim como minha avó, cortavam apressadas a cana sob a vigilância dos capatazes da fazenda. Donana dizia que ele nasceu com os olhos esbugalhados e não chorou nos primeiros minutos. Quase sem força o levou ao seio para que tomasse de seu peito. [...] Meu pai foi o primeiro dos onze filhos que minha avó teve com diferentes maridos. (VIEIRA JÚNIOR, 2019, p. 164)

5 Considerações finais

Em mim existe a voz que nunca ouvi, o rosto que nunca vi, o ser do qual eu vim. Em mim existem vozes que deveriam ter saído de mim, os rostos que nunca deixei que se formassem, os olhos que nunca deixei que me vissem. Este é um relato de uma pessoa que nunca teve permissão para ser e um relato da pessoa que nunca me permiti me tornar. (KINCAID, 1996, p.136 - 137)

Dentro do universo literário, as personagens são as pontes que ligam o leitor ao enredo. Ao lermos essas histórias, é a forma como elas atravessam a essas personagens que nos faz refletir e perceber como nossas vivências são na verdade coletivas. Como mulheres, importa que possamos presenciar representações diversas do que entendemos do feminino sendo narradas e eternizadas na literatura. Pois, por muitos anos, nossas vozes foram mantidas no silêncio. Como algo não autorizado a encontrar a luz da criação.

Em ambas as narrativas, acompanhamos a jornada de personagens que elaboram suas histórias em meio a uma superfície vacante, criada pela ausência de algo ou alguém. Ainda assim, essas mulheres potencializaram o nada e elaboraram suas histórias, e a se mesmas por meio de laços e afetos criados pela convivência com outras mulheres. Ao contrário do que nos habituamos a crer, o vazio pode ser um lugar fértil. Há que, no entanto, lembrar-se das vozes que ecoam nesse silêncio, de tantas outras que pavimentaram esse caminho de possibilidades.

Já não danço porque não recordam Santa Rita Pescadeira, porque o curador desta terra morreu, levaram suas forças e o tempo ruiu sua casa. Pairo como o ar e desço como a chuva na terra. Desço lavando o sangue que derramaram sem piedade. O sangue do passado corre feito um rio. Corre nos sonhos, primeiro. Depois chega galopando, como se andasse a cavalo. (VIEIRA JÚNIOR, 2019, p. 225)

Ainda que sejamos essencialmente apenas quem podemos ser, não há como fugir da necessidade do olhar do outro para que possamos entender nossa essência. Sozinhos não passamos de um aglomerado de células que se constituem em um indivíduo com certas funções motoras e cognitivas, é o olhar do outro, o olhar da sociedade, que nos permite uma análise criteriosa daquilo que somos e de quem podemos vir a ser. Enquanto mulheres atravessadas pela existência e peculiaridade de outras, somos convidadas a

caminhar entre irmãs, observando, absorvendo e abandonando aquilo que não nos cabe mais. Olhamos para o passado, agradecidas por aquelas que vieram antes de nós - aquelas que nos deixaram de herança nossas sabedorias ancestrais - e seguimos prontas para construir um futuro no qual mulheres, a partir da literatura, da ficção, sejam capazes de narrar e construir o futuro que desejam. Abandonamos o vazio do útero e abraçamos as possibilidades do existir. Somos legião, somos pluralidades e que o mundo esteja pronto para acolher nossas histórias em toda sua complexidade e nuances.

REFERÊNCIAS

- BÍBLIA. Bíblia Sagrada. Edição Claretiana. São Paulo: Ave-Maria, 2012.
- BULFINCH, Thomas. **O livro de ouro da mitologia: histórias de deuses e heróis**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.
- CANDIDO, Antonio. A personagem do romance. In: CANDIDO, Antonio; ROSENFELD, Anatol; PRADO, Decio de Almeida; GOMES, Paulo Emílio Sales. **A personagem de Ficção**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1970.
- BOSI, Alfredo. História concisa da Literatura Brasileira. São Paulo: Cultrix, 1994.
- GIORGI, Artur de Vargas. Depois, o começo: a literatura e o vazio. **Alea: Estudos Neolatinos**, Rio de Janeiro, v. 23/1, p. 260-274, jan./abr. 2021.
- VIEIRA JÚNIOR, Itamar. **Torto Arado**. 10. ed. São Paulo: Todavia, 2021.
- KINCAID, Jamaica. **A autobiografia da minha mãe**. 1. ed. Rio de Janeiro: Alfabeta, 2020.
- NASCIMENTO, Stefany Silva do; OZELAME, Josiele Kminski Corso; LANGARO, Cleiser Schenatto. A personagem feminina na literatura brasileira romântica, realista e contemporânea. **Revista Claraboia**, Jacarezinho, v. 5, p. 32-48, jan./jun. 2016.
- VERUNSCHK, Micheliney. **Aqui, no coração do inferno**. São Paulo: Patuá, 2016.
- VERUNSCHK, Micheliney. **O amor, esse obstáculo**. São Paulo: Patuá, 2018.
- VERUNSCHK, Micheliney. **O peso do coração de um homem**. São Paulo: Patuá, 2017.
- WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.